

EVOLUÇÃO – CONCEITUAÇÃO E CRÍTICAS EM FARIAS BRITO

FRANKLIN MOREIRA VILLELA

Prof. de Filosofia e Filosofia da Educação

RESUMO: A primeira parte deste estudo apresenta, resumidamente, o trabalho de Faria Brito (FB) nos capítulos três e quatro do 3º volume de sua obra “A Finalidade do Mundo.” Na segunda parte buscou-se tirar algumas conclusões, com a preocupação básica, não de criticar, mas, sim, de apresentar o pensamento sobre a teoria da evolução daquele que é seguramente um dos maiores filósofos brasileiros.

ABSTRACT: *The first part of this study presents, abruptly, the reflection of Farias Brito (FB) in the chapter 3 and 4 of the 3rd volume of his work “A Finalidade do Mundo.” In the second part the idea was to reach some conclusions without criticizing but presenting the thought about Evolution Theory of someone who is one of the greatest Brazilian Philosophical.*

Palavras-chave: Filosofia; humanismo; positivismo; evolução; evolucionismo.

Keywords: *Philosophy; humanism; positivism; evolution; evolutionism.*

INTRODUÇÃO

Em um volume específico, História da Filosofia, da coleção Os Pensadores, em um pequeno texto de quatro páginas sobre a Filosofia no Brasil, lamentavelmente não há sequer uma palavra sobre Farias Brito. Há uma referência a um outro pensador nordestino, Tobias Barreto: Ele também combateria o positivismo, que, ao ignorar a tensão na evolução, se tornou um mero catálogo de fatos, petrificando-se em “uma dogmática de novo gênero, e, como todas as dogmáticas, um processo de encurtamento e atrofia cerebral” (ABRÃO, 199). É interessante observar que estas palavras parecem se referir a FB. A última parte, que, com muita razão, pode ser atribuída a FB, expressa duas idéias que podem ajudar a entender o pensamento daquele que por muitos é considerado, com propriedade, um dos maiores filósofos brasileiros. Primeiro, dizem que ao criticar o positivismo, sugere o pequeno texto que este, o positivismo, não foi capaz de fazer uma análise adequada da teoria da evolução. Depois, mostra que uma postura basicamente filosófica se opõe totalmente às atitudes dogmáticas. Tendo em vista essas duas idéias – e com o propósito de co-

nhecer melhor o nosso patrono, pareceu conveniente estudar um texto em que ele mostrasse qual a sua opinião sobre a teoria da evolução. No 3º. volume de sua obra “Finalidade do Mundo”, ele dedica alguns capítulos à apresentação e à análise de alguns modos de ver a evolução. Tendo em vista os limites no espaço e no tempo, foram escolhidos dois textos que pareceram os mais adequados para este trabalho, para oportunamente estudar os demais.

Tendo essas colocações como pano de fundo, buscou-se, na primeira parte deste estudo, apresentar, resumidamente, o trabalho de FB nos capítulos três e quatro do seu 3º. volume, e na segunda parte buscou-se tirar algumas conclusões, com a preocupação básica, não de criticar, mas, sim, de apresentar o pensamento daquele que é seguramente um dos maiores filósofos brasileiros.

A Teoria da Evolução segundo as convicções de Spencer

Inicialmente é preciso observar que, neste capí-

Observação: Este estudo busca ser uma síntese dos capítulos três e quatro do 3º volume da obra de Farias Brito. Os números entre parênteses referem-se a este volume da obra citada abaixo, a não ser que seja citado outro autor.

1 Abrão não indica nem obra nem página, mas coloca as últimas palavras entre aspas!



tulo, Farias Brito pretende mostrar a concepção de um pensador alemão, Spencer, sobre a idéia de evolução. Para isso busca situar o cientista alemão no campo específico do pensamento, para poder compreender melhor as suas afirmações.

Farias Brito começa o capítulo apresentando o conteúdo de um texto de Spencer – **Por que me separo de Augusto Comte** – em que o cientista alemão procura mostrar por que não aceita ser colocado entre os seguidores de A. Comte. Nesse sentido, o estudioso brasileiro afirma que o pensador alemão *Cioso de sua originalidade e independência, faz longa enumeração dos pontos de divergência ... e ... termina afirmando que só tem de comum com Augusto Comte o que é comum a todos os pensadores modernos, isto é, a aceitação das verdades proclamadas pela ciência como base para a investigação filosófica* (37). E Spencer, segundo FB, termina afirmando que pertence a uma classe de pesquisadores que de forma alguma adere à doutrina positivista de Comte (38).

Em seguida, FB apresenta os quatro grandes princípios gerais que, na visão de Spencer, fundamentam o pensamento de Augusto Comte e que são expostos também pelos pensadores modernos que precederam o estudioso positivista. Spencer os apresenta e faz seus comentários, a que Farias Brito, acrescenta observações. Esses quatro princípios são:

1. Todo o conhecimento vem da experiência.
2. Todo conhecimento é relativo e só atinge os fenômenos.
3. Na explicação das diferentes classes de fenômenos não se deve recorrer a entidades metafísicas que devem ser consideradas suas causas.
4. Há, entre os fenômenos do universo, leis naturais, relações constantes uniformes.

Esses quatro princípios são sustentados por Augusto Comte e com eles Spencer concorda, mas mostra que foram expostos e defendidos muito antes de Comte, afirmação da qual Farias Brito também participa, com apenas uma exceção, o terceiro princípio. FB considera que *a exclusão de entidades metafísicas compreendidas como causas de fenômenos, na explicação da natureza, é uma coisa que deve ser considerada como idéia pertencente à obra própria de Comte* (40-41). E para comprovar a sua assertiva, FB apresenta o método positivista, isto é, os três mé-

todos de filosofar: o teológico, o metafísico e o positivo. E conclui com estes termos: *Este (o método positivo) exclui por essência a consideração de entidades metafísicas; de onde se vê claramente que o terceiro princípio de que trata Spencer pertence rigorosamente ao ponto de vista do positivismo. E sustentando o contrário, é preciso notar que Spencer erra ...* (41).

Feita essa ressalva, FB, concordando que os outros princípios usados por Augusto Comte já foram usados e defendidos por pensadores que o precederam, apresenta as idéias próprias do pensador francês e o mecanismo próprio do seu sistema, que compreende três concepções principais: *a lei dos três estados; a classificação das ciências segundo o princípio da filiação histórica e na ordem da complicação crescente e generalidade decrescente dos fenômenos; e a religião da humanidade* (41). Ato contínuo, mostra FB como Spencer repele essas três concepções fundamentais do pensamento de Augusto Comte. Mostra o antagonismo radical das idéias daquele com relação aos princípios propostos por este. Enquanto Comte, recusando a teologia e a metafísica, *impõe não obstante o seu credo* (p. 43), que nada mais é que uma forma de ceticismo, Spencer propõe como *conceito positivo a noção do incognoscível* e termina justificando a religião, pelo menos na opinião do estudioso brasileiro.

Em seguida, FB busca ver linhas de aproximação entre os dois autores ou, como ele prefere, mostrar *que Spencer sofreu influência do positivismo* (44). Assim, tanto um como outro fazem questão de se colocar em oposição aos metafísicos. Mesmo quando Spencer com suas posições iniciais no campo da Psicologia Subjetiva parece se opor aos positivistas, mostra-se tão renhidamente contra os metafísicos que FB conclui com esta observação: *O positivismo não passou além da frenologia de Gal; Spencer joga com todos os processos da psicologia moderna. Mas a intuição geral é a mesma, e esta prevenção tão radical (de Spencer) contra os metafísicos deixa bem perceber a influência de Comte* (46).

No campo da Sociologia também aparecem divergências e convergências entre Spencer e Comte. Enquanto este último tem posturas mais ligadas ao mecanicismo das ciências exatas, dos séculos 17 e 18, aquele segue o caminho das ciências naturais. O



segundo estende o mecanicismo à organização da sociedade. O primeiro, Spencer, segue a lei da evolução que *compreende três espécies: evolução inorgânica, evolução orgânica e evolução superorgânica* (48). É evidente que há diferenças entre a visão do organismo social entre um e outro, mas FB faz questão de enfatizar a influência do positivismo sobre o pensamento de Spencer, mostrando os pontos de confluência, entre eles uma *exclusão comum a Comte e Spencer, de toda e qualquer intuição metafísica na explicação dos fenômenos sociais; e na limitação, de todo o nosso conhecimento à esfera determinada do método empírico* (48).

FB conclui este item do 3º. capítulo afirmando que, além dos elementos de confluência entre o pensamento de Augusto Comte e o de Spencer, há também divergências e que o que mais lhe interessa é saber *qual a corrente de idéias a que realmente se prende a sua (de Spencer) concepção particular* (49). Conclui dizendo que Spencer foi buscar em von Baer a fórmula que lhe serviu de princípio organizador; **a força**. Depois, estudando as leis gerais da força, *ligou todas as leis a uma lei única: a persistência da força. Ao conjunto Dessas idéias deu o nome da lei de evolução* (50). E, já introduzindo o estudo subsequente, FB afirma: *Eu me proponho a mostrar: 1º. que a teoria da evolução é falsa, ou pelo menos deficiente como interpretação da natureza; 2º. que essa teoria se confunde com o materialismo; 3º. que a moral a deduzir-se daí é exatamente a moral do materialismo, isto é, a moral do interesse, ou mais precisamente, a moral da força, tal como em sua forma mais completa e precisa se encontra em Nietzsche* (50).

Após a afirmação contundente do seu propósito, FB volta a insistir que, na época em que ele realiza estes estudos, *Essa teoria da evolução é a teoria da moda* (59). Ele se insurge contra esse modismo e pouco à frente, depois de mostrar a importância exagerada, na sua opinião, que se dá à lei da evolução, insiste: *Ora, quando uma idéia chega a tomar tão vastas proporções, termina por perder o caráter positivo(?) de uma idéia positiva. (...). Eu me inclino a pensar que a coisa não passa de uma fórmula oca* (52). FB reconhece que sua tarefa de mostrar a fragilidade da lei de evolução como a chave para explicar o universo que conhecemos e a presença do ser humano nele, é uma

tarefa poderá parecer *extrema ousadia e mesmo louca temeridade*. Sobretudo quando se considera que defendem a teoria da evolução gigantes de pensamento moderno (século 19!) como Darwin, Spencer e Haeckel. FB insiste em não se deixar levar pela onda. Isso por dois motivos, que ele expressa do seguinte modo: *Estou convencido de que a doutrina é falsa, cumprindo acentuar que quando não fosse falsa não seria nova, porquanto essa doutrina não é senão uma nova forma do materialismo; e o materialismo já estava claramente formulado desde Epicuro* (53). FB parece sugerir que a evolução restrita ao mundo natural talvez pudesse ser aceitável. Pois, segundo ele, Darwin, ao explicar a origem do homem por seleção natural, nada mais teria feito que incluir *no princípio do mecanismo, já adotado por Descartes na ordem da natureza inorgânica, e mesmo orgânica, mas com exceção do homem* (52). Acrescentando um pouco mais à frente: *A noção mesma da evolução pode ser admitida em certo sentido. O que não pode ser admitido é a teoria da evolução como concepção do mundo* (54). E para refutar a teoria da evolução estudada, sobretudo Spencer e Nietzsche (a que, posteriormente, acrescenta um estudo sobre o pensamento de Haeckel).

Em Spencer, estuda a teoria da evolução como apresentada na obra **Primeiros Princípios**. Nesse trabalho, o pensador alemão reconhece a existência de duas regiões: do cognoscível e do incognoscível. A segunda não interessa senão enquanto referência aos limites do conhecimento. Importa, pelo menos para FB, é a região do cognoscível, pois ela se confunde com a natureza.

Spencer, sempre segundo FB, no seu esforço em explicar a natureza, parte de um número limitado de conceitos: o espaço e o tempo; a matéria e o movimento; a força. O esclarecimento desses conceitos dá a chave da compreensão da natureza e, conseqüentemente, da evolução.

1. O ESPAÇO E O TEMPO: Tanto o espaço como o tempo nada mais são do que formas de relações, pois a realidade só se manifesta por meio de relações. O espaço é a concepção abstrata de todas as relações de coexistência. O tempo é a concepção abstrata de todas as relações de seqüência. Isso não quer dizer que por concepção abstrata se entenda idéias a que correspondam realidades transcenden-



tais. São dados rigorosamente empíricos, embora absolutamente incompreensíveis. Nas palavras de FB, *O espaço e o tempo são modos do incognoscível* (57).

2. A MATÉRIA E O MOVIMENTO: *A matéria é, geralmente, concebida como um conjunto de posições coexistentes que oferecem resistência* (57). Dessa noção, pode-se depreender duas coisas. Primeiro: é a resistência que distingue a matéria do espaço, pois neste as posições coexistentes não oferecem resistência. Segundo: o corpo é a resolução² máxima da matéria, pois para que alguma coisa ocupe o espaço é necessário que ofereça resistência. Do contrário não se poderia distinguir a coisa do espaço por ela ocupado. Conseqüentemente, pode-se distinguir entre o corpo ou matéria e o espaço. Em outras palavras: *só se pode conceber o corpo como ocupando o espaço* (58). Ou então: *O corpo é a extensão ocupada; o espaço a extensão desocupada. (...) Daí se segue que os dois elementos constitutivos da noção de corpo são: a idéia de extensão e a idéia de resistência. Ora, resistência é força. Acrescentai, pois, à noção de espaço mais esse elemento – a força – e temos a idéia da matéria* (58).

O Movimento é uma noção que, simultaneamente, supõe o espaço, o tempo e a matéria. Pois Movimento é corpo deslocando-se no espaço (58). Ora, esse deslocamento não se compreende sem um outro elemento, a força. Não se pode explicar a mudança de posição de um corpo sem que haja uma força que o leve a essa mudança. Por isso FB, expondo o pensamento de Spencer, afirma: *É pois da noção da força junto à noção da matéria que resulta a idéia do movimento*. E acrescenta, como que para concluir essas considerações: *juntai à noção do espaço a idéia da força e temos o conceito da matéria; juntai à matéria este outro princípio, a força, e temos o movimento* (59).

3. A FORÇA: FB começa tentando mostrar o significado e a importância da força na teoria de Spencer: *Chegamos, enfim, ao princípio supremo. A força, diz Spencer, é o princípio dos princípios* (59). Mostra, por conseguinte, como o espaço, o tempo, o movimento e a matéria, segundo o pensador alemão, são edificados com experiências de força. O movimento e

a matéria são as manifestações concretas; o espaço e o tempo são as manifestações abstratas da força. *Agora a força é que não se explica em função de outro princípio. A força é, pois, o conceito último, o princípio dos princípios* (59-60). Nessa altura surge, para FB, a grande questão: O que é a força? E responde afirmando que para Spencer a força é um modo do incognoscível. Mas, enquanto o espaço, o tempo, a matéria e o movimento têm a sua explicação na força, *a força é que não pode ser explicada* (60). Em outras palavras, para o grande pensador brasileiro as afirmações do estudioso alemão acabam numa negação sistemática: *Nosso conhecimento só pode atingir a certos e determinados modos da existência, jamais a existência inteira e completa* (60-61). Eis aí uma das modalidades do chamado princípio da relatividade do conhecimento: *Tudo se explica por forças; tudo se resolve em forças* (61). A força explica tudo: a gênese do mundo nada mais é do que uma conseqüência das forças que agitam a natureza, o cosmo. Se a nebulosa se condensa e se transforma no cosmo, se do cosmo surge a planta, o animal e o homem, toda essa transformação, toda essa evolução só se explica pela ação da força, isto é, das forças que estão na própria natureza. Mas, qual é a fonte de onde emana essa fantástica força? *Jamais poderemos saber – ... Entramos aí na região do incognoscível – eis a resposta de Spencer* (61). Para FB, essa atitude de Spencer é totalmente negativa: *É desistir da investigação do ignoto, é preferir buscar refúgio no ceticismo*.

No entanto, o mesmo FB reconhece que o estudioso alemão faz um esforço positivo quando propõe a sua teoria da evolução. É o que ele estuda em seguida.

Começa apresentando os três princípios fundamentais da teoria da evolução, sempre segundo Spencer: 1. Indestrutibilidade da matéria. 2. Continuidade do movimento. 3. Persistência da força. Os dois primeiros princípios são conseqüência do último, que poderia ser expresso da seguinte forma: *A quantidade de força existente na natureza é constante; ... não pode ser aumentada nem diminuída* (63). Em outras palavras, nada existe de novo no universo. Existem

² FB utiliza quase sempre neste texto o verbo resolver – e seus derivados – no sentido de consistir, fundar-se, assentar.



apenas modos diferentes de existir: *Toda vez que se apresenta alguma coisa nova, é sempre a transformação de alguma coisa anterior* (63). E FB conclui com estes termos: *De onde se vê que a lei de evolução não é senão uma conseqüência imediata da lei de transformação* (64).

Continuando, FB mostra como Spencer apresenta todas as manifestações de existência como pura aplicação dessa lei de transformação ou de evolução: *... desde a nebulosa que se condensa para dar lugar à formação dos mundos que giram no espaço, até as manifestações superiores de vida moral e psíquica; desde a pedra que cai até o espírito que tenta explicar a gênese do mundo, tudo se explica mecanicamente* (64). Tudo, tanto no âmbito geral como nas suas aplicações particulares. Fala, assim, sempre segundo Spencer, da gênese dos corpos celestes, da origem da terra, do surgimento dos organismos, do aparecimento da vida psíquica e da formação da sociedade. Aqui, interessam de modo especial os dois últimos, pois é com relação à aplicação da idéia de evolução a eles que FB vai se opor de modo mais evidente.

1. EXPLICAÇÃO DA VIDA PSÍQUICA SEGUNDO A TEORIA DA EVOLUÇÃO DE SPENCER:

FB já inicia esta parte se posicionando contra a postura evolucionista: *Que a nebulosa, se transforme em estrela; que a estrela, se transforme em planetas; e que as forças inorgânicas se transformem em organismos, tudo isso é difícil de explicar e mais ainda de provar, porém em todo o caso se compreende. Mas que a força se transforme em consciência; que, por fatos puramente mecânicos, por simples combinações de elementos corpóreos se forme o sentimento, a vida psíquica, isto não só não se explica, como mesmo, não se compreende. É uma concepção que excede as nossas forças; e até aí não pode chegar o esforço da nossa imaginação* (74). Apesar desse posicionamento contra qualquer afirmação que busque explicar a origem da vida intelectual, psíquica, racional do ser humano, FB tenta expor as justificativas de Spencer, acrescentando: *Cada um poderá depois julgar, por si mesmo o valor da doutrina* (74). Diz que o fará sem comentário, embora, como se verá, aqui e ali deixa escapar alguma observação.

Apresenta, pois, a explicação da origem da vida

mental na visão de Spencer para quem: 1. Há uma relação direta entre as impressões recebidas pelos sentidos e as forças físicas do exterior. 2. Não há uma distinção entre o sentimento (**o sentir**) e o processo representativo. 3. O fato interno é uma transformação da força exterior, isto é, as nossas sensações não são efeitos produzidos por ação das forças externas, mas transformações Dessas mesmas forças. 4. O elemento subjetivo desaparece e o que fica é a força exterior: *é a força mesma que se transforma em sentimento* (75), da mesma maneira que o calor se transforma em eletricidade. 5. Os movimentos voluntários são transformações das sensações: os movimentos mecânicos tornam-se, assim, movimentos conscientes. 6. Spencer percebe que freqüentemente aparecem pensamentos e sentimentos que correspondem, por exemplo, apenas à força física da pronúncia de uma palavra. Responde, afirmando que a palavra não produz a força, mas a liberta. O mesmo vale para outros atos humanos, como um olhar, que pode despertar uma emoção. Spencer afirma que o olhar não produz a emoção, apenas a liberta. Às emoções e a todas as atividades semelhantes, que ele chama de atividades nervosas, Spencer diz que são modos de consciência. Como explicar o seu aparecimento? São explicados pela **força!** Mas, que força? Spencer diz, então: os modos de consciência *não se acham entre as forças que agem sobre nós do exterior, mas em forças internas* (79). Essas forças pertencem ao âmbito do **incognoscível**, estão no campo do mistério! A esta altura, FB não resiste e faz não apenas um comentário. Faz uma crítica: visto que não pode explicar as transformações das forças exteriores em forças interiores, Spencer apela para o mistério: *São mistérios que não é possível sondar* (78). Por isso, FB termina estas considerações sobre a vida psíquica com estas palavras: *Como se vê, o filósofo termina sempre esbarrando em face do incognoscível* (78).

2. A SOCIEDADE: FB começa reconhecendo que, se são aceitas as explicações referentes á vida psíquica a partir da lei da transformação da força, a mesma aceitação deve-se aplicar aos fenômenos sociais: *Firmada uma tese, a outra resulta como conseqüência necessária (...) é evidente que a sociedade, como produto de todos estes fatos (também psíqui-*



cos), não pode deixar de estar subordinada à mesma lei (78). No entanto, mostra em seguida que Spencer insiste em dizer que também a vida social resulta de modo específico da lei de evolução. Spencer, primeiro afirma que qualquer mudança na organização da sociedade provém direta ou indiretamente das forças físicas: há uma correlação entre a vida social e as condições biológicas. *São seres vivos que formam a sociedade ... (assim) são as forças vitais existentes nos organismos individuais que se transformam na força social por cuja ação se explica a formação do organismo coletivo (79)*. O problema que surge, então, é explicar que força é essa que de força biológica se transforma em força social. Para Spencer isso é claro: essa força é o calor e sua origem está no Sol: *A sociedade, como a vida psíquica, como os organismos individuais, como tudo que se passa na terra, como a própria terra em todo o seu desenvolvimento, tudo isso se explica como transformação do calor solar (80)*.

A esta altura, FB faz um estudo especial do significado da lei de evolução segundo Spencer. Primeiro lembra que a lei de evolução deve ser entendida sempre como um aperfeiçoamento, muito embora, esse aperfeiçoamento em que nada se cria, em que nada se acrescenta à situação anterior, seja difícil de ser compreendido. E conclui: *É assim que a doutrina é entendida por Haeckel; é assim que é entendida por Darwin; é assim que é entendida por todos, tratando-se, pois de uma noção vaga, indeterminada que, em rigor nada explica. Spencer dá, porém, uma significação particular (81)*. Para este grande pensador alemão, a evolução é uma redistribuição contínua da matéria e do movimento. Ora, essa redistribuição obedece a duas outras leis: a da direção e a do ritmo. Isso faz Spencer concluir que são sete os princípios básicos que compõem a lei da evolução: *Persistência da força; Indestrutibilidade da matéria; Continuidade do movimento; Uniformidade de lei ou persistência das relações entre as forças; Transformação e equivalência das forças; Lei da menor resistência e da maior tração; Ritmo do movimento (82)*. Esses princípios são elementos constitutivos das coisas e que permitem compreender a sua constituição, mas nenhum deles constitui a concepção completa e coerente das coisas. É preciso, pois, buscar uma lei, um princípio que permita uma explicação final e definitiva para toda a realidade exis-

tente. Esse princípio, essa *síntese final* é a lei da evolução. Na análise de FB, Spencer, apoiado na *observação* de von Baer (*todo o desenvolvimento orgânico consiste na passagem do estado de homogeneidade ao estado de heterogeneidade e, conseqüentemente, o animal é tanto mais perfeito quanto mais complexa é sua organização*) (84); aplica esse modo de ver as coisas não somente à matéria organizada, mas a todas as outras formas da existência (84). No entanto, para FB, toda a tentativa de aplicação geral dessa lei de desenvolvimento não se confirma: *Não será, porém, difícil mostrar que tudo isto não passa de uma colossal ilusão*. Para comprovar essa sua assertiva, FB mostra que a evolução, tal como apresentada pelo pensador alemão, só considera a forma exterior dos fenômenos, a matéria e o movimento (integração e desintegração) e conclui: *Fica, assim, sem mais exame, patente que a teoria da evolução é uma concepção materialista do mundo (87)*. Ora, segundo FB, o materialismo reduz as manifestações da substância e da força à matéria e ao movimento, o que ele não aceita.

FB conclui essa parte do estudo do modo de pensar de Spencer, observando que, em última instância, não existe senão uma só evolução, que se aplica a todos os casos: *Não há muitas metamorfoses que se operem da mesma maneira; mas uma só metamorfose que avança universalmente ... (91)*.

Há, pois uma lei geral, a lei da evolução. Mas essa lei é tão complexa que *é natural que se decomponha em leis particulares (91)*: a instabilidade do homogêneo, a multiplicação dos efeitos e a segregação, que constituem os fatores da evolução. O que significa que *toda evolução é transformação (92-93)*. Ora, transformação é um processo de decomposição e de multiplicação. Esse processo é processo indefinido ou haverá um limite para a evolução? E Spencer responde: *A evolução tem um limite: é o equilíbrio (93)*. Em que consiste, afinal, esse equilíbrio? No caso dos organismos o equilíbrio viria pela *paralisação completa do movimento vital, na morte (95)*. Esta assertiva leva FB a formular o que ele chama de questão das questões: *Terminará tudo pelo estabelecimento da imobilidade absoluta? ... O fim será o repouso, o nada? ... A morte será o fim da evolução universal? (95)*. Spencer não admite essa conclusão. Fundamentado na idéia da dissolução, antevê sempre um novo começo: *É*

que a cada evolução, logo que se estabelece o equilíbrio, sucede necessariamente a dissolução, e esta é sempre o começo de uma nova evolução, o começo de uma nova vida (96). Como se percebe, a evolução que é um processo de crescimento, pois as forças que atuam neste processo o fazem no sentido de integrar cada vez mais a matéria. Essas forças, uma vez realizada a integração da matéria (ou de cada parte que evolui), não desaparecem, continuam a existir esparsas no cosmos (96). Isto faz com que o equilíbrio, a imobilidade, o repouso nunca seja perpétuo: há sempre uma evolução, que é seguida por uma dissolução, que, como foi dito acima, é sempre o começo de uma nova evolução.

Spencer admite que a dissolução é de certa maneira uma destruição, uma destruição que será realizada pelo fogo, pois faz a matéria retornar ao estado gasoso. Cumpre, porém, observar que esta destruição pelo fogo ... não será a extinção da existência (99). A força que anima todo o processo nunca deixará de existir, pois após cada ciclo de evolução haverá um novo começo, uma nova vida. É a teoria, posteriormente explicitada por Nietzsche, da **volta eterna**³ (eterno retorno?). Por isso, FB conclui esta exposição do pensamento de Spencer sobre a evolução citando Lichtenberger: *Como na vida universal "cada indivíduo não é senão um fragmento do ciclo total", disto resulta que "cada indivíduo tem já vivido uma infinidade de vezes a mesma vida e a reviverá eternamente de novo"* (99).

Este último pensamento, da **volta eterna**, introduz nova maneira de ver a evolução, exposto de modo marcante por Nietzsche e estudado por FB, no capítulo 4º.

FB inicia esse capítulo observando que, embora pareça nada haver de comum entre o modo de pensar de Spencer e Nietzsche, os dois partem do mesmo ponto – a *concepção darwinica* – e pretendem chegar à mesma conclusão: *o estabelecimento, na ordem moral, como na ordem da natureza, de uma lei explicável somente por ação de forças puramente mecânicas* (100). Por isso os dois acabam por ter a mesma idéia essencial com referência à natureza.

FB mostra em seguida, mencionando Lichtenberger, que a teoria da **volta eterna** de Nietzsche já aparece em Blanqui, Gustavo Le Bon e antes deles em Spencer. Menciona Heine, que busca na filosofia grega clássica as origens desse modo de pensar e mostra a sua presença em tradições mais antigas, como no Eclesiastes (Ecle 1, 9-10). Observa, no entanto, que Spencer não acentua a idéia de que as mesmas formas se repetem: há uma reprodução indefinida de mundos e não a sua repetição. Blanqui, por sua vez, *sustenta a coexistência dos mesmos fenômenos no infinito do espaço, pois o universo se repete sem fim* (103). Le Bon participa desse modo de pensar e se inflama a tal ponto que FB não resiste e faz uma crítica velada: *(Le Bon) perde mesmo a compostura de sábio e nos fala na linguagem dos poetas, fazendo invocação às sombras do passado, chorando sobre a morte, cantando o renascimento dos mundos* (104). No entanto, é preciso observar: mais que Blanqui, e mais ainda que Le Bon (que admite ser seu pensamento uma simples conjectura), é Nietzsche que precisa e define a teoria da **volta eterna**: *A idéia não lhe veio como um produto da elaboração científica, mas como uma revelação do alto; e o próprio Nietzsche acredita e confessa que foi um demônio que lhe veio comunicar a hipótese ao ouvido, em hora solitária* (104-105). Nietzsche, segundo FB, parte da especulação, mas insiste na prática. Não fala como filósofo, mas como moralista: *não se limita a contemplar imóvel ... a concepção da verdade; deduz Dessa concepção as leis da conduta. (...) Nietzsche não pensa, sente o que diz; ... foi um enfermo, sofrendo em alto grau ... daí resultou que toda a sua elaboração filosófica ... não foi senão um grito de angústia, grito de louco ... e o seu pensamento não foi, assim, uma meditação, mas um delírio* (105).

Mas, qual é de fato o significado Dessa idéia da **volta eterna** nesta filosofia, que com justa razão se pode chamar de *patológica, do moralista do super-homem?* (105).

Nietzsche parte do princípio de que a quantidade de forças na natureza é constante. Isso significa que esta força não aumenta nem diminui. Não pode diminuir, porque isso, com o tempo, levaria o cosmos

³ A expressão volta eterna é, hoje, substituída por muitos, sobretudo por influência de Eliade, pela expressão eterno retorno!



a ser reduzido a nada. Não pode aumentar, pois, este fato exigiria que novas forças fossem reunidas às já existentes. De onde viriam essas novas forças? De um milagre perpétuo? Nietzsche prefere afirmar que há uma soma constante de forças, *soma que sendo constante não é infinita* (106). Assim, as forças da natureza estão sempre em ação, umas agindo sobre as outras, realizando uma série indefinida de combinações. Essas combinações jamais chegam a um equilíbrio, pois o que de fato se dá é uma sucessão de combinações em que uma combinação produz a seguinte. Sempre partindo dos pressupostos de que, primeiro, *existe uma quantidade constante de forças* e, segundo, *estas forças estão sujeitas a uma sucessão indefinida de combinações* (107). Ora, por mais numerosas que sejam essas combinações, visto que a quantidade de forças é constante, chegará o momento em que uma combinação voltará. E, voltará, por força do determinismo universal, a série inteira de combinações. É a teoria da **volta eterna**: *Tudo pois voltará. O nosso mundo, o mundo a que pertencemos, já existiu uma infinidade de vezes no passado e do mesmo modo ainda terá de existir uma infinidade de vezes no futuro* (108). E FB, ao que parece, tentando deixar bem claro o pensamento de Nietzsche, insiste: *Homem, tu voltarás. Tu encontrarás de novo “cada dor e cada alegria, e cada amigo e cada inimigo, e cada esperança e cada erro, e cada pedaço de erva e cada raio de sol, e toda a ordem das coisas”* (108).

FB reconhece que Nietzsche não deixou uma exposição sistemática de sua teoria da **volta eterna**, mas afirma que a mesma transparece no conjunto de suas obras e *constitui a essência de sua teoria moral* (109). E esta teoria se prende diretamente à teoria da evolução e neste caso Nietzsche se mostra mais coerente e lógico que outros evolucionistas, pois vai até as últimas conseqüências. FB mostra isso citando Lichtenberger: *Não é possível imaginar uma solução mais desesperadora para o problema da existência. O mundo nada significa: é obra da fatalidade cega; (...) a evolução universal não visa à cousa alguma, mas se realiza indefinidamente girando sem cessar no mesmo círculo; e esta vida que hoje vivemos eternamente teremos de renovar e repetir sem esperança de mudança*. Por isso, FB conclui assim esta parte: *Ora, com tal doutrina não há esperança para os que*

sofrem; não há salvação para os desgraçados (109).

No sentido de concluir este capítulo, FB afirma que esta idéia da **volta eterna**, bem como as teorias de sucessão indefinidas dos mundos de Spencer, Blanqui e Gustavo le Bon, nada mais é que, segundo a teoria da evolução, a afirmação da imortalidade, ou *a noção da imortalidade na concepção materialista do mundo* (110). Em seqüência, FB parece reconhecer valores nestas doutrinas que exaltam o ser humano, ou mais precisamente, o espírito humano: *é do seio mesmo do materialismo que parte o grito: somos imortais* (110). E isto é para ele um consolo, pois leva a aceitar uma idéia, a de que fazemos parte do infinito, de que não temos limites, nem no espaço nem no tempo. FB reconhece esse aspecto – diga-se com certa e exagerada liberdade – “positivo” nas teorias estudadas até aqui. E para comprovar a validade dessa idéia de imortalidade descreve a morte de seu pai e conclui: *Oh! Não é possível que tanto sofrimento seja para nada. E se no movimento do cosmos ... nada se perde, também é certo que meu pai não se extinguirá ... continuando a existir ... sob outra forma, mas como elemento imprecívél, na obra eterna da natureza* (111-112).

Apesar dessas palavras aparentemente de aceitação da teoria da evolução, FB faz questão de recusar tanto a visão de Spencer, como a de Nietzsche. Com relação a este último faz questão de dizer: *Mas tão desesperadora, tão monstruosa é sua intuição moral que, em rigor, pode ser indicada como uma demonstração por absurdo da falsidade Dessa filosofia, pelo menos considerada no sentido puramente mecânico, ... E, aplicando o seu pensamento às teorias da evolução vistas até aqui, conclui: Resta agora examinar a questão em seu conjunto, e mostrar, pela análise dos princípios, a **improcedência radical Dessa tão apregoada teoria da evolução**; o que equivale a dizer: **a improcedência radical do sistema materialista** (112).*

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Apresentado o conjunto do pensamento elaborado por FB nestes dois capítulos, já é possível tirar algumas conclusões, pois se percebe suas intenções fundamentais: a recusa da teoria da evolução e os motivos porque o faz.

FB é um estudioso muito sério que não se contenta com respostas apenas plausíveis. Quer as melhores soluções possíveis. Procura, por isso, conhecer bem os autores que estuda. No caso presente, busca entender Spencer, considerado por ele um dos mais competentes defensores do evolucionismo. Busca entender Spencer dentro do seu tempo e do seu mundo. Visto que a força do Positivismo – algo muito pernicioso para o nosso filósofo – era patente na época em que Spencer publicou suas obras, busca mostrar os pontos de ligação entre o estudioso alemão e sua ligação com aquela teoria, embora Spencer insista em dizer que não é discípulo de Augusto Comte. É claro, FB mostra também as diferenças entre os dois.

FB afirma peremptoriamente que Spencer erra quando tenta negar seus liames com o Positivismo. Reconhece diferenças quando Spencer recusa as três concepções fundamentais de AC e propõe a idéia de que há o incognoscível, idéia que para FB aponta para algo de religioso e representa um dado um tanto incoerente no defensor da idéia de evolução. É verdade que o cientista alemão se distancia das propostas positivistas no campo da sociologia, pois se fundamenta nas ciências naturais, enquanto os positivistas se baseiam nas ciências exatas. Aproximam-se, porém, quando ambos buscam excluir a metafísica das suas considerações e quando põem como base do conhecimento o empirismo, um dado negativo do pensador alemão, para o pensador brasileiro.

FB se considera extremamente ousado, temerário mesmo, por se opor à teoria da evolução. E se opõe a ela por três motivos, que pretende provar: que ela **é falsa**; que ela **se confunde com o materialismo**; e que consequência dessa teoria é a proposta de uma **moralidade do interesse e da força**.

A teoria da evolução é falsa, pois sua fórmula é oca. Oca porque se baseia, em última análise, na idéia de força. A força é o princípio dos princípios. A força explica o espaço e o tempo, que são expressões abstratas da força. A força explica também a matéria e o movimento, expressões concretas da mesma. A força é que explicaria tudo. Ora, para FB, Spencer mesmo reconhece que a força não tem explicação. Ao tentar

explicá-la, acaba caindo no mistério do incognoscível, a primeira confissão, no modo de ver de FB, de que a teoria da evolução não tem justificativa.

A evolução não pode ser aceita por FB porque é uma explicação materialista do real. E isto, ele, enfaticamente, não aceita. Parece aqui estar a razão principal porque FB rejeita a proposta evolucionista. A certa altura ele acena com a possibilidade de ver com olhos mais benignos a explicação da evolução do mundo orgânico. Mas, com relação à vida psíquica e social, isto é, com relação àquilo que há de mais específico no ser humano, ele é irreduzível. Mesmo quando considera a proposta de Nietzsche, que segundo ele, tem a coragem de ir até as últimas consequências, ele se recusa a admitir a teoria da evolução. É verdade que não podemos esquecer que FB viveu nos albores do evolucionismo. Ainda era forte, sobretudo no mundo religioso, a resistência a esta teoria relativamente nova⁴. O catolicismo, por exemplo, só admitiu oficialmente a possibilidade de não haver uma oposição entre a doutrina cristã e o evolucionismo na década de 1940.

Spencer, ao sustentar a tese da evolução, a explica como um processo de aperfeiçoamento, uma passagem do menos perfeito para o mais perfeito. FB considera essa idéia de aperfeiçoamento uma verdadeira ilusão, pois parece circunscrita tão somente ao mundo material. O próprio Spencer sugere a *idéia de ilusão*, ao afirmar que a mudança (o processo de evolução) não traz nenhum elemento de criação. É simplesmente um processo contínuo de dissolução, a que segue sempre um novo começo, uma nova evolução. É a idéia de **volta eterna**⁵, melhor explicitada por Nietzsche, e também recusada por FB.

O nosso pensador tem grande dificuldade de aceitar a idéia da **volta eterna** nietzscheana, embora ele perceba nela um viés quase positivo, um aspecto consolador, *um consolo*, como ele, FB, prefere dizer: a teoria da evolução é uma afirmação da imortalidade na concepção materialista do mundo. É um consolo, pois equivale dizer que somos imortais, que fazemos parte do infinito. Mas, para FB isto é muito pouco. Isso não justifica a vida humana, sobretudo não justifica o sofrimento, por vezes atroz – como o do próprio Nietzsche.

4 FB faz questão de lembrar que o pensamento evolucionista tem raízes em Epicuro (4^o. século a.C.)

5 Mais uma vez lembramos aqui que o termo mais comum hoje é eterno retorno.



FB quer mais, muito mais. Ele é fundamentalmente não materialista. O grande problema da teoria da evolução, para FB, é, pois, o seu caráter materialista.

Muito embora ele continue a estudar esta teoria nos capítulos seguintes Dessa obra, o que foi estudado até aqui parece suficiente para mostrar que ele buscou, seriamente, o significado da teoria da evolução nos seus melhores defensores. Concluiu que se houvesse alguma possibilidade de aceitação dessa teoria, isso se restringiria ao campo da natureza, ao campo da matéria. A matéria é muito pouco para o espírito, ansioso por vãos mais profundos, do pensador cearense.

FB foi filho de sua época e não pôde conhecer outras visões possíveis da teoria evolucionista, como a do místico Teilhard de Chardin, cujo pensamento sobre a evolução poderia ser assim expresso: *A evolução não seria outra coisa que a expressão para nossa experiência, no tempo e no espaço, da própria*

Criação (HUISMAN e VERGEZ, *História dos Filósofos ilustrada pelos textos*, Rio, Freitas Bastos, 429).

Seja como for, nestes dois capítulos FB se mostra radicalmente avesso às afirmações evolucionistas. Nem por isso seus estudos deixam de ser um contributo válido para quem se interessa por compreender a explicação do mundo feito pela teoria da evolução. Além de mostrar o mais fidedignamente possível o significado de duas linhas evolucionistas – juntamente com, na sua opinião, a sua fragilidade – ele chama a atenção para a necessidade de uma atitude crítica com relação a todas as afirmações relativas ao mundo e ao homem, novas ou antigas. Vale a pena, portanto, dedicar um pouco mais de atenção a este pensador brasileiro, bastante esquecido em nossos meios acadêmicos. Vale a pena debruçar-se sobre este grande trabalho de pesquisa que é a obra do nosso patrono (da UnG) **RAIMUNDO FARIAS BRITO**.

Referência Bibliográfica

FARIAS BRITO, Raimundo de – A Finalidade do Mundo, 2ª edição, Rio: INL, 1957

ABRÃO, B. S. – História da Filosofia, Coleção os Pensadores, São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999

HUISMAN, D. e VERGEZ, A. – História dos Filósofos ilustrada pelos textos, 5ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos,

1982

LUCKESI, C. C. e PASSOS, E. S. – Introdução à Filosofia – aprendendo a pensar, 3ª edição. S. Paulo, Cortez, 2000